

O “Homem do Pinguelo”: a providência em *Estas estórias*

Vanessa Chiconeli Liporaci

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista
(UNESP) vanessachiconeli@yahoo.com.br

Abstract. *This work analyses the different ways in which the divine providence acts in the short-story: “A estória do Homem do Pinguelo” written by Guimarães Rosa.*

Keywords: *divine providence; short-story; Guimarães Rosa*

Resumo. *Este trabalho analisa as diferentes formas nas quais a providência divina atua no conto: “A estória do Homem do Pinguelo” escrito por Guimarães Rosa.*

Palavras-chave: *providência divina; conto; Guimarães Rosa*

Neste trabalho levantamos e analisamos as formas de atuação da providência n’ “A estória do Homem do Pinguelo” que se encontra no livro póstumo *Estas estórias*, de Guimarães Rosa, publicado em 1969. Segundo Paulo Rónai, na nota introdutória da obra (1969, p.13), esse conto já havia sido publicado em vida do autor, no número 37 da revista *Senhor* em março de 1962.

A escolha desse conto deve-se ao fato de ele apontar para a existência de uma força providencial capaz de alterar o rumo dos fatos e, conseqüentemente, da vida das personagens neles envolvidas. Tendo como ponto de partida a idéia de que é essa providência que move a ação no conto, procuramos analisar o modo como o discurso da narrativa, apoiado pelo discurso da poesia, é estruturado, constituindo a representação artística da diegese.

O embasamento teórico do trabalho é composto de ensaios críticos sobre a obra rosiana em geral como os de Antonio Candido, *Tese e antítese* (1964); Benedito Nunes, *O dorso do tigre* (1969); Lenira Covizzi e Edna Nascimento, *João Guimarães Rosa: homem plural – escritor singular* (2001); Suzi Sperber, *Caos e cosmos* (1976); Alfredo Bosi, *Céu, inferno* (1988), Maria Célia Leonel, *Guimarães Rosa: Magma e gênese da obra* (2000); Lenira Marques Covizzi, *O insólito em Guimarães Rosa e Borges* (1978), entre outros. Também fazemos uso de teses e ensaios referentes às narrativas selecionadas como: Maria Célia Leonel, *Guimarães Rosa Alquimista: Processos de criação do texto* (1985); Edna Calobrezi, *Morte e alteridade em Estas estórias* (2001); Adélia Bezerra de Menezes, “O Homem do Pinguelo’: uma leitura aristotélico-psicanalítica” (1998), entre outros. Quanto aos estudos sobre narrativa e poesia teremos apoio em Gérard Genette, *Discurso da narrativa* ([19-]), Maurice-Jean Lefebvre, *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa* (1980) e Paul Valéry, *Variedades* (1991). Em relação à filosofia, tomaremos como base São Tomás de Aquino - *Suma Teológica* (1957) - e A. D. Sertillanges em *As grandes teses da filosofia tomista* (1951).

1. O caráter universal da produção rosiana

Essa leitura vem questionar ou reforçar alguns pontos já desenvolvidos pela crítica, mas que ainda nos parecem passíveis de discussão. Um desses pontos é, inclusive, levantado no livro de Lenira Covizzi – *O insólito em Guimarães Rosa e Borges* - no momento em que ela se refere às obras (de *Primeiras estórias* a *Estas estórias*) como menores, apesar de significativas. Tal afirmação decorre da divisão que a autora faz na linha de produção de Guimarães Rosa de *Sagarana* a *Estas estórias* na qual, segundo ela, “GR seguiu um caminho que bem pode ser sintetizado como o que vai da expressão à explicação. As duas originais. Mas a primeira, arte superior, e a segunda, o seu comentário.” (COVIZZI, 1978, p.61). Concordamos com o fato de essa obra póstuma ser inserida na fase mais explicativa, mas cremos que isso não a torna um comentário. Pelo contrário, parece-nos que nessa fase o autor também se dedica a obscurecer e ao mesmo tempo questionar certas questões universais que estão presentes em sua produção como um todo, principalmente em *Grande sertão: veredas* (1956).

Na obra *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa* (1980), Maurice-Jean Lefebvre desenvolve a idéia de que os discursos da poesia e da narrativa podem ser associados, como ocorre no conto em questão; enquanto o discurso da poesia nos reenvia a um referente relacionado à experiência que possuímos do mundo, o discurso da narrativa tem a diegese como suporte através do qual busca reatualizar essa experiência. É por meio dessa associação que em narrativas como “A estória do Homem do Pinguelo” uma questão universal não se apaga face à diegese, fica atrás dela e é, por ela, atualizada.

O conto em questão é visto, portanto, como exemplo de linguagem literária que, segundo Lefebvre,

põe ao mundo uma interrogação que não é daquelas a que podem responder a ciência, a moral ou a sociologia. Não se contenta com “fotografar” uma realidade pré-existente; interroga o mundo sobre a sua realidade e a linguagem sobre a sua obsessão de uma adequação perfeita ao ser do mundo. Ela não é uma solução, uma fuga para fora da linguagem e do humano, ela encarna uma nostalgia. (1980, p.39)

A ação da providência identificada nesse conto instaura, de forma exemplar, uma discussão acerca dos limites entre a fé e a razão que buscamos levantar com base, principalmente, nas questões 22 e 23 da *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino. Essa escolha deve-se ao fato de a filosofia tomista apresentar tanto a distinção entre a razão e a fé, quanto a necessidade da concordância entre ambas como condições para seu desenvolvimento. As questões selecionadas tratam, respectivamente, da providência divina e da predestinação, temas desenvolvidos, de forma implícita e, às vezes, explícita no conto em questão. É dessa forma que pretendemos mostrar como essa providência é estruturada e sugerida, apesar de não ser mencionada.

2. O Homem do Pinguelo: a instauração do mistério

A história é, basicamente, a seguinte: José Reles, uma das personagens do conto, relata, junto a outro narrador não nomeado, uma troca que foi realizada entre seu amigo, seu Cesarino e Pedro Mourão. O primeiro havia herdado a venda do pai, mas não sabia administrá-la, não cobrava o que lhe deviam, emprestava dinheiro, enfim, o armazém não chegava nem aos pés do que havia sido quando o pai dele era vivo. Além disso, para piorar a situação, as águas de uma enchente entraram na venda, aumentando ainda mais o prejuízo de Seu Cesarino, porém, o período seguinte foi de seca e esta veio de encontro ao segundo, Pedro Mourão, que, por sua vez, conduzia o que havia restado de uma boiada em busca de pastos e água. No caminho José Reles conhece Mourão e opta

por ajudá-lo conduzindo-o até o vilarejo onde o boiadeiro pretendia comprar alguns produtos que precisava. É na venda de seo Cesarino que a troca se dá: após avaliar os produtos do armazém Pedro Mourão pergunta a Cesarino: “O senhor quer barganhar carne podre por fumo podre?” (ROSA, 1969, p.119). Nesse momento a troca é efetuada, a partir daí Mourão trabalha no armazém, torna-se dono de quase todo o arraial, enquanto seo Cesarino salva e conduz a boiada até a fazenda de seo Caetano Mascarenhas, compadre de seu pai, onde a vende e passa a viajar e fazer grandes negócios.

Paralelamente à ocorrência de todos esses fatos encontra-se a figura misteriosa do Homem do Pinguelo, entidade mencionada por José Reles, cuja aparição se dá em cada momento decisivo da história e cuja existência é questionada no decorrer do conto. Porém, a ambientação em que tal figura é inserida sugere que sua aparição venha de encontro a tudo aquilo que já vinha acontecendo, ou seja, o Homem do Pinguelo vem concretizar algo que vinha sendo disseminado desde o início do conto.

2.1. Os pares que se entrecruzam

Para a análise, buscou-se levantar a importância de algumas duplas que se alternam e se complementam no decorrer da narrativa e que culminam em um ponto comum, que vem confirmar a influência da ação providencial, nesse caso do “Homem do Pinguelo”, como força movedora do conto. No que se refere às personagens, a dupla é formada por seo Cesarino e Pedro Mourão; no que se refere aos narradores, José Reles e narrador não nomeado; no que se refere à linguagem, coloquial e erudita e no que se refere aos discursos, poético e discurso da narrativa. Por meio dessas aproximações buscamos mostrar como a estrutura da narrativa sugere e favorece a disseminação da força providencial e, para tanto, fez-se necessária a análise das relações existentes entre as duplas mencionadas e a providência.

Os pares favorecem esse estudo uma vez que a sugestão da ação providencial decorre das relações estabelecidas entre eles. O par de personagens ilustra a influência da providência divina na vida de ambos que resulta na passagem de uma situação a outra. Percebe-se que essa influência se dá de acordo com a noção de providência divina desenvolvida por São Tomás, segundo a qual a ação generosa da vontade divina ordena e controla a eficácia dos meios que dispõe para que determinado fim seja atingido. Essa ordenação fica clara no decorrer da história na medida em que o percurso de uma personagem só se torna completo quando se cruza com o da outra, portanto, ambos vão de uma situação ruim a uma situação de plenitude.

Segundo São Tomás, outro ponto necessário à atuação da providência é o fato de que os seres nela envolvidos devem apresentar virtudes como o amor, a justiça e a misericórdia e também devem desenvolver a vontade de mudança, o desejo de conseguir atingir um fim, e esses dois traços estão presentes tanto em Seo Cesarino quanto em Pedro Mourão. O primeiro é descrito no conto como um moço ativo, sempre disposto a ajudar, que não guarda raiva e que, apesar de todas as dificuldades que a vida lhe apresenta, tem fé de que as coisas podem melhorar. Já Mourão é calmo e perseverante mesmo diante das situações mais difíceis, mas está em busca de sossego. A providência faz com que essas vidas se cruzem e se complementem, de forma que um se torna mais realizado quando se encontra no lugar do outro e é esse estado de espírito de realização que faz com que ambos prosperem.

Em relação aos narradores, grafados no texto de formas diferentes, um em itálico e o outro em letra normal, a alternância provoca um efeito de discussão acerca da

existência ou não dessa força providencial capaz de alterar o rumo dos fatos. Temos, portanto, dois narradores, o narrador não nomeado, heterodiegético e José Reles, narrador homodiegético que nos transmite informações advindas da sua própria experiência. Em relação aos níveis diegéticos, podemos dizer que José Reles está no nível intradiegético e é personagem que fala dentro do discurso do narrador não nomeado, apresentando focalização interna por seguir sua própria interpretação dos acontecimentos; enquanto o narrador não nomeado está no nível extradiegético, com focalização onisciente, estratégia de representação que rege, nesse caso, principalmente a configuração do discurso poético, pois encontra-se numa posição de transcendência em relação ao universo diegético que lhe permite selecionar e manipular aquilo que conta. É através dessa manipulação por parte do narrador não nomeado e da presença do ponto de vista de José Reles que o efeito de mistério é provocado e mantido durante toda a narrativa.

A alternância das linguagens erudita e coloquial nos revela que o narrador não nomeado, dotado de certa erudição, busca uma explicação racional para a hipótese de José Reles, segundo a qual o Homem do Pinguelo, ou seja, a providência é responsável por todas as bruscas alterações que ocorrem na história que narram juntos. O fato de José Reles não querer dar maiores explicações a respeito da figura do Homem do Pinguelo está relacionado à sua crença e ao fato de que, para ele, o mistério se fecha em si mesmo, exerce sua função e não precisa ser explicado para que possa existir. É, portanto, através desse trabalho com a linguagem que “A estória do Homem do Pinguelo”, da mesma forma que a filosofia tomista, apresenta tanto a distinção entre a razão e a fé quanto a necessidade de concordância entre ambas.

Os discursos da narrativa e da poesia que surgem desse tratamento particular da linguagem, aproximam-se uma vez que ambos tendem à presentificação e visam a realidade estética. A poesia presente no conto levanta a experiência de mundo das personagens e nos chama a fazer o mesmo com a nossa para que possamos enxergar por trás do discurso da narrativa aquilo que ele tem de essencial, nesse caso, a força da ação providencial.

3. A sugestão da providência

A crítica já apontou para a possível influência dessa força e, de forma mais ampla para os reflexos das leituras espirituais nas obras de Guimarães Rosa. Segundo Maria Célia Leonel que, em sua tese de doutorado trata, entre outras questões, d’“A estória do Homem do Pinguelo”:

Na estória, o Homem do Pinguelo é a possível personalização do destino ou da providência, o qual no tão só olhar e mirar as pessoas urde a sorte delas em situações de vida especialíssimas. A sua presença, porém, é duvidosa, não confirmada”. (LEONEL, 1985, p. 193).

Entre outros pontos desenvolvidos em sua tese, Maria Célia discute o trabalho que o autor realiza por meio dos dois narradores e, para tanto, levanta questões que se tornam fundamentais à análise da disseminação da força providencial no decorrer do conto. Em relação ao fato de o narrador não-nomeado incentivar a narração por parte de José Reles, Leonel afirma que “enquanto elemento envolvido nos acontecimentos, existe a probabilidade de conseguir desvendar um ponto que permanece encoberto, misterioso” (1985, p. 188) e é justamente esse mistério acerca da existência da providência, ou do Homem do Pinguelo, que sustenta o texto.

A atuação da força providencial é mencionada também por Benedito Nunes – *O dorso do tigre* (1969) – associada ao tema da viagem. Segundo o autor, a providência delega certas funções a determinadas personagens, principalmente àquelas que se encontram fragilizadas, e é “no ciclo da viagem que o destino se modifica e a ação da Providência se manifesta” (NUNES, 1969, p. 176).

A leitura da obra *Caos e cosmos*, de Suzi Sperber, também veio ao encontro deste trabalho pelo fato de seu livro tratar dos reflexos das leituras e preocupações espirituais no temário e nas idéias de Guimarães Rosa. Apesar de Suzi não tratar de tais influências em *Estas estórias*, o conhecimento das leituras religiosas de Guimarães Rosa, nesse caso principalmente da Bíblia, dos Evangelhos e de Sertillanges, deixa claro o fato de que existia por parte do autor um forte interesse pelas diversas formas de religiosidade e que tal interesse se reflete na elaboração de suas obras. Sobre os livros do padre A. D. Sertillanges encontrados na biblioteca de Guimarães Rosa, Suzi Sperber afirma que apenas um deles, *Devoirs* de 1936 mereceu anotações do escritor. Segundo a autora, os “textos de Sertillanges são filosóficos, ou tendem para o filosofar. Se a leitura de Sertillanges estimulou a criação roseana, foi sobretudo na persistente busca da transcendência” (SPERBER, 1976, p.83).

4. O trabalho com a linguagem: a expressão do sobrenatural

A questão da transcendência está presente n’ “A estória do Homem do Pinguelo” desde o primeiro parágrafo, sugerindo um ciclo, ou melhor, a “viagem” mencionada por Benedito Nunes: “Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim, já que tudo se passa em ponto numa bola; e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas.” (ROSA, 1969, p.99). Toda essa construção é, portanto, um plano articulado pelo escritor que envolve tempo, espaço, personagens e narradores em uma rede de dúvidas e questionamentos, paralelamente à ocorrência dos fatos, sem, contudo, esclarecê-los.

Sertillanges também desenvolveu uma obra - *As grandes teses da filosofia tomista* (1951) – na qual trata da questão da providência para São Tomás de Aquino, a partir da qual optamos por realizar esse trabalho. No livro, Sertillanges faz uma análise do que seria a providência e destaca que “De fato, a idéia de providência implica a de disposição, mas disposição dentro do próprio pensamento, disposição prévia aos fatos; isto é, a idéia de providência é antes de tudo um *plano*” (1951, p.192). Esse plano de que Sertillanges fala corresponde no conto àquilo que já mencionamos como disseminação da ação providencial, ou melhor, de acordo com a filosofia tomista, o governo divino que rege o mundo. No conto há sugestão desse governo em todo o texto e ao fim da descrição que o narrador não nomeado faz do arraial: “*Tudo, pelo dito, quer que ali deva reger não o devido, mas o dado...*” (ROSA, 1969, p.100).

A descrição do lugarejo no qual, posteriormente, a ação providencial se dará, é seguida de um levantamento, também por parte do narrador não nomeado, dos sons dos diferentes pássaros que podem ser encontrados no arraial, mas que culmina, curiosamente na seguinte reflexão: “*Dó é, porém, que tão desencontradas, contramente, suas revelações se confundam. E que, no impropício, rude ou frouxo dia-a-dia, ninguém tenha inda tempo capaz de entendê-los*” (ROSA, 1969, p.101)

Essa reflexão que aparentemente se refere aos sons dos pássaros, pode também ser lida de acordo com o que aponta Sertillanges acerca da providência:

É certo que a nossa sensibilidade e, provisoriamente, até o sentido da justiça, se sentem ofendidos com muitas coisas deste mundo; mas é que a providência não precisa de nos confiar os seus segredos ou patentear o futuro, para ser reconhecida; basta que nos descubra um cantinho da sua obra e um momento do seu trabalho. Não se trata aqui de pedir contas a Deus, mas de O reconhecer. E uma vez reconhecido por sinais verdadeiros, as obscuridades da sua obra devem servir só para nos levarem à humildade diante do mistério (SERTILLANGES, 1951, p.196)

Esses “sinais verdadeiros” de que fala Sertillanges, estão presentes já no próprio título do conto, em uma das possíveis acepções levantadas por Fernando Py da palavra “pinguelo”,

como sinônimo de *pinguela*, pau estendido sobre um regato a fim de que se possa atravessá-lo, sugere *travessia*, palavra capital e final de *Grande sertão: veredas*, indicando a passagem pela vida, ou seja, a fração de eternidade em que se movimenta o homem, fração entre dois nadas” (PY, 1995, p. 176)

pois é na passagem de uma situação a outra que a ação providencial se dá e o narrador não nomeado antecipa a ocorrência e destaca a importância de tal passagem no seguinte comentário:

o que merece especulada atenção do observador; da vida de cada um, não é o seguimento encadeado de seu fio e fluxo, em que apenas muito de raro se entremostra algum aparente nexos lógico ou qualquer desperfeita coerência; mas sim as bruscas alterações ou mutações – estas, pelo menos, ao que têm de parecer, amarradinhas sempre ao invisível, ao mistério. (ROSA, 1969, p. 101)

Conclusão

O narrador sugere, portanto, que tais passagens estejam mesmo ligadas ao *invisível*, ao *mistério* que vemos aqui como a providência. Todavia, antes da “brusca alteração”, faz-se necessária a influência na vida de cada ser que estará envolvido na passagem e é interessante notar o fato de que essa influência se dá na mesma situação - a pior possível - e da mesma maneira tanto no percurso percorrido por Seo Cesarino quanto no de Pedro Mourão; em relação ao primeiro, temos a seguinte passagem:

Deciso, então, seo Cesarino desfechou num rompante, desses, de nada antes de nada. É bem de ver que, tras hora, um rechupa alívios novos – de de-dentro mesmo da cuia da aflição. – ‘Justo, um dente de menino, que cai, é outro que vem já apontando...’ – resumo que ele mais disse, sem dar a razão de seu dizer.

Gostei, daquilo, demais. O Homem do Pinguelo eu acho que estava lá, remirando a gente. Ele, às vezes, fio que costuma aparecer assim, em portas de vendas... (ROSA, 1969, p. 108/109)

Em relação ao segundo:

Mas o homem se sacou para outros ânimos. Vascolejou de si um influído jaculado, proezas de satisfação: - ‘Tropeçar também ajuda a caminhar!...’ Disse, assim. Muito. Gostei daquilo, demais, achei toda a clareza. Quem é, tem de ser. Na boa hora, o Homem do Pinguelo devia de estar com a gente, remiroso, por ali, eu acho. Se diz que

ele é velho para surgir, nesse vezo, do jeito, em parada em paragem de beira d'água. Vem só para fazer mercê de presença, conformemente. (ROSA, 1969, p.114/115)

E é no momento do encontro dos dois e após a pergunta de Pedro Mourão: “- ‘O senhor quer barganhar carne podre por fumo podre?’ ”. (ROSA, 1969, p. 119) que a passagem se dá:

De um lado, o homem; de outro lado, o homem. Eles estavam lá, os abismados. Onde pois foi então, naquela juntura. O em que eu dei fé, de uma aragem em fino, do vero que se dava para estar para acontecendo. Tudo subido sensato, no ensejo pontudo, positivo, mesmo. E onde cantaria o galo? Chega que eu entendi. Sei o porquê, sem saber. Hoje, acho que sei. Que, naquela paz de hora, devia de se ter surgido para estar ali, com a gente, o... O desencontrado... O bem-encontrado... O...

Hesitação, de constrangimento.

- É. É o que pode dar razão, nos fatos mais acontecidos. Eu acho que acho. Tiro por mim que devia de ser. (ROSA, 1969, p. 119/120)

É dessa forma que a providência, ou, como está no conto o Homem do Pinguelo, efetua a passagem de uma situação a outra na vida de ambos os protagonistas sem que eles tenham consciência dessa influência, como se tal fim fosse predestinado pela providência sobrenatural da qual São Tomás de Aquino trata na questão 23 da *Suma Teológica*. Essa predestinação, ajudada pelas boas obras das personagens, tende a conduzir o indivíduo racional à eterna bem-aventurança; é o que ocorre com Seo Cesarino e Mourão, personagens que, desde o início do conto apresentam os efeitos da predestinação mencionados por São Tomás, entre eles: a vocação, o bom uso da graça e a perseverança.

Referências:

- COVIZZI, L. M. **O insólito em Guimarães Rosa e Borges**. São Paulo: Ática, 1978.
- LEFEBVE, M-J. Características do discurso literário. In: _____. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. p. 17-40.
- LEONEL, M. C. de M. **Guimarães Rosa Alquimista: Processos de criação do texto**. 1985. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NUNES, B. A viagem. In: _____. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1969. p.173-179.
- PY, F. “Estas estórias”. In: COUTINHO, A. (org.). **João Guimarães Rosa: ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 172-182.
- ROSA, J. G. A estória do Homem do Pinguelo. In: _____. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 99-125.
- SERTILLANGES, A. D. A Providência. In: _____. **As grandes teses da filosofia tomista**. Braga: Livraria Cruz, 1951. p. 179-208.
- SPERBER, S. F. Sertillanges. In: _____. **Caos e cosmos** Leituras de Guimarães Rosa. São Paulo: Duas cidades, 1976. p. 81-89.